

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • ABRIL DE 1994



A LIAHONA

ABRIL DE 1994



Na capa:

Jenny Flinn e amigo. Os Flinns, de Broadway, Inglaterra fazem com que o trabalho árduo em sua família os torne mais unidos e com que aprendam a serem auto-suficientes. Ver "Entrelaçados", página 38. (Fotografia de capa de Richard M. Romney.)

Capa da Seção Infantil:

Pintura de Nancy Seamons Crookston

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "PORQUE EU VIVO, . . . VÓS VIVEREIS"

PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON 2

UM TESOURO DA CHINA JENNY SHAYLOR 8

TODOS OS PROFETAS PROFETIZARAM A
RESPEITO DE CRISTO D. KELLY OGDEN E R. VAL JOHNSON 10

MOMENTOS DE ENSINO MARY MORRILL 24

PECADO E SOFRIMENTO ÉLDER DALLIN H. OAKS 26

O MEMORIAL DE JOSEPH SMITH 34

VER COM AS MÃOS E COM O CORAÇÃO CUONG TED NGUYEN 44

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

O RAPAZ DO BRONX ELIZA TANNER 20

A LETRA DA CANÇÃO PAIGE MARRIOTT 33

ENTRELAÇADOS RICHARD M. ROMNEY 38

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:
LEMBRAR-SE DO SALVADOR POR MEIO
DO SACRAMENTO 25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON:
OS ZORAMITAS E O RAMEUMPTON 2

DE UM AMIGO PARA OUTRO:
ÉLDER SAM K. SHIMABUKURO 5

TEMPO DE COMPARTILHAR:
"GUARDAR OS MANDAMENTOS" JUDY EDWARDS 8

DO MÉXICO, COM AMOR 10

FICÇÃO: A MENSAGEM DE PÁSCOA DE PEDRO GAYLE ELLIS 12

O LIVRO DO SACRAMENTO CHRISTINE BRANCH 15

ABRIL de 1994, Vol. 18, nº 4

A LIAHONA, 94984 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighton

Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Controlador: MaryAnn Martindale

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharrl Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:

Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato

Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,

Caixa Postal 26023

05599-970 - São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: CR\$ 5.400,00;

para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua

Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada.

Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples

US\$ 5,00, aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa

agência: CR\$ 450,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas

indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah, and at additional mailing offices. Subscription price

\$9,00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

LER E COMPARTILHAR

Quero agradecer-lhes pela *Liahona* (espanhol) e por todo amor e sabedoria que ela contém. Leio a revista todos os meses com entusiasmo.

Sou membro da Igreja há quase vinte anos. Estive entre os membros menos ativos por algum tempo, mas agora voltei à plena atividade graças a dois missionários maravilhosos. Eles batizaram quatro de meus oito filhos.

Nossa capela fica um pouco distante da cidade onde moro e nem sempre é fácil chegar a tempo para a reunião sacramental. Então limpei minha garagem e propus que a utilizássemos como local de reuniões para os membros que aqui residem. Temos agora um ramo, com uma frequência de cerca de trinta a quarenta pessoas na reunião sacramental a cada semana.

Agradeço novamente por ajudar-nos a progredir e por uma revista que podemos compartilhar com nossos amigos.

Maria Virginia Giménez de Laurino

Ala Saladillo

Estaca Rosario Argentina

O SENHOR ABENÇOA-ME

Sendo uma irmã idosa, com mais de oitenta anos, sou verdadeiramente grata pela mensagem do evangelho que entrou em minha vida. Ao comparar os ensinamentos do Livro de Mórmon com os ensinamentos da Bíblia, encontrei apenas coisas que me alegam o coração.

Tenho muitas razões para agradecer ao Pai Celestial por toda sua bondade ao enviar-me o Confortador, que é o Espírito Santo, para ensinar-me todas as coisas. (Ver João 14:26.)

Sou especialmente grata por *Lys over*

Norge (norueguês). Gosto de ler os testemunhos dos santos de todo o mundo.

Helene Olsen

Ala Fredrikstad

Estaca Oslo Noruega

AS REALIDADES DO CASAMENTO

Agradeço a Melvin L. Prueitt pelo sábio conselho que deu em seu artigo de fevereiro de 1993, "A Felicidade de Vosso Cônjuge". Ele ajudou-me a compreender algumas realidades de minha vida de casado pela primeira vez e deu-me a motivação para um novo início.

Cada nova edição da *Liahona* (espanhol) guia-me pela vereda da conversão. Os exemplos de vivência do evangelho contidos em suas páginas são sempre uma fonte de inspiração.

Estanislao Luna Sánchez

Força Aérea do Peru

Chiclayo, Peru

NÃO ENFADONHA

A *Liahona* (espanhol) é um grande auxílio para cada um de nós.

Tenho dezesseis anos de idade e algumas pessoas consideram-me enfadonha por gastar muito tempo lendo as escrituras e outras publicações da Igreja. Sinto-me, porém, muito bem a respeito. Elas realmente edificam e ajudam-me na vida.

Sou grata pelo artigo de maio de 1993, "Um Papel de Estrela", a respeito de Becki Jackson, a jovem que se recusou a cantar músicas com letras sugestivas em uma produção musical de sua escola. Seu exemplo muito me ajudará.

Ana Eluvia Lima Orellana

Estaca Utatlán Guatemala



“Porque eu vivo, . . . vós vivereis”

Presidente Ezra Taft Benson

Ultimamente tem havido considerável publicidade e divulgação pela mídia de relatos que aparentemente atestam a realidade da “vida após a vida”. A secular pergunta do antigo profeta entrou de novo em voga: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14). Em outras palavras, o que acontece com uma pessoa que morre? Uma resposta definitiva a essa pergunta é dada pelo ministério do Salvador no mundo espiritual após sua crucificação, morte e sepultamento.

Mesmo antes da queda de Adão, que trouxe a morte a este mundo, o Pai Celestial já havia preparado um local para os espíritos que deixariam esta vida mortal. Na época da morte de Jesus, o mundo espiritual estava repleto de hostes de filhos de nosso Pai que haviam morrido—desde a posteridade de Adão até a morte de Jesus—tanto justos quanto iníquos.

Havia duas grandes divisões no mundo dos espíritos. Os espíritos dos justos estavam no paraíso, em um estado de felicidade, paz e trabalho calmo. Os espíritos dos iníquos estavam na prisão, um estado de trevas e miséria. (Ver Alma 40:12–15.) Jesus visitou apenas os justos, no paraíso.



Vamos ensinar estas verdades a nossos familiares: Porque Jesus vive, nós também viveremos. Porque ele vive, o amoroso relacionamento familiar que alimentamos neste lado do véu pode ser perpetuado nas eternidades.

Aqui temos uma parte da gloriosa Visão da Redenção dos Mortos dada ao Presidente Joseph F. Smith, apoiada e aceita pela Igreja como escritura sagrada em abril de 1976:

“E estavam reunidos em um só lugar um número incontável de espíritos dos justos, que haviam sido fiéis no testemunho de Jesus, enquanto viveram na mortalidade.

E que tinham . . . (sofrido) tribulação em nome do seu Redentor.

Todos esses partiram da vida mortal, na esperança de uma gloriosa ressurreição . . .

Estavam cheios de alegria e júbilo e regozijavam, porque o dia da sua libertação estava próximo.

Estavam reunidos, aguardando o advento do Filho de Deus no mundo espiritual, para trazer-lhes a redenção das cadeias da morte . . .

Enquanto aquela vasta multidão esperava e conversava, regozijando-se por saber que estava próxima a hora em que seriam libertados das cadeias da morte, o Filho de Deus apareceu, declarando liberdade aos cativos que tinham sido fiéis.

E pregou-lhes o evangelho eterno, a doutrina da ressurreição e a redenção da humanidade da queda e dos pecados individuais, desde que houvesse arrependimento . . .

E os santos regozijaram-se na sua redenção e dobraram os joelhos e reconheceram o Filho de Deus como seu Redentor e Libertador da morte e das cadeias do inferno.

Os seus semblantes se iluminaram, e o brilho da presença do Senhor depositou-se sobre eles, e cantaram louvores ao seu santo nome.” (D&C 138:12–16, 18–19, 23–24.)

Jesus não foi aos iníquos, ou seja, à prisão. Eles eram os que não se arrependeram e que “se corromperam enquanto estavam na carne” (D&C 138:20).

Ademais, “dentre os justos, [o Senhor] organizou as suas forças e designou mensageiros, investiu-os com poder e autoridade, e comissionou-os para que fossem e

levassem a luz do evangelho àqueles que estavam na escuridão . . .

A esses foi ensinada a fé em Deus, arrependimento do pecado, batismo vicário para a remissão dos pecados, o dom do Espírito Santo pela imposição das mãos.

E todos os outros princípios do evangelho que deveriam conhecer, a fim de poderem ser julgados segundo os homens na carne, mas que possam viver segundo Deus no espírito” (D&C 138:30, 33–34).

O mundo espiritual não é longe. Do ponto de vista do Senhor, tudo é um grande programa que abrange ambos os lados do véu. Algumas vezes o véu entre esta vida e a vida além torna-se bastante delgado. Isto eu sei! Nossos entes queridos que foram para o outro lado não estão longe de nós.

Um Presidente da Igreja perguntou: “Onde é o mundo espiritual?” E depois ele mesmo respondeu: “É bem aqui . . . [Os espíritos] vão além dos limites desta terra? Não, não vão. São trazidos para esta terra com o propósito específico de habitá-la por toda a eternidade”. E disse ainda: “Quando os espíritos deixam os corpos, estão na presença de nosso Pai e Deus; estão, então, preparados para ver, ouvir e entender coisas espirituais . . . Se o Senhor o permitisse e se isso fosse sua vontade, poderíeis ver os espíritos que deixaram este mundo tão claramente como podeis agora ver as pessoas com os olhos naturais” (Brigham Young, em *Journal of Discourses*, 3:369, 368).

Sim, sem dúvida há vida após a morte. A mortalidade tem duração temporária—assim como o mundo espiritual. Tão certa quanto a morte é para os mortais, é a ressurreição para os que estão no mundo espiritual.

No terceiro dia após a crucificação de Jesus, houve um grande terremoto. A pedra rolou, deixando aberta a porta do sepulcro. Algumas mulheres, entre os mais devotados seguidores do Mestre, foram ao local com especiarias e “não acharam o corpo do Senhor Jesus”.

Anjos apareceram e disseram: “Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou” (Lucas 24:3–6). Nada na história se iguala a esta dramática declaração: “Não está aqui, mas ressuscitou”.



FOTOGRAFIA DE JED CLARK

Por meio de Joseph Smith, o Deus do céu revelou a verdade de que a família pode permanecer unida após a morte—que a afinidade, afeição e amor de um pelo outro podem existir eternamente.

Os maiores eventos da história são aqueles que afetam um maior número de pessoas por um período de tempo mais prolongado. Sendo assim, nenhum evento pode ser mais importante para os indivíduos ou nações do que a ressurreição do Mestre. A ressurreição de cada alma que viveu e morreu na terra é uma realidade escriturística; com certeza, não há outro evento para o qual devamos fazer preparação mais cuidadosa. Uma ressurreição gloriosa deve ser a meta de todo ser humano, pois é uma realidade. Nada é mais absolutamente universal do que a ressurreição. Todo ser vivo será ressuscitado. “Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (I Coríntios 15:22).

Mateus registra que, quase imediatamente após a gloriosa ressurreição do Senhor, “abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados;

E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos”. (Mateus 27:52–53.)

Sim, a ressurreição de Jesus Cristo foi uma gloriosa realidade. Ele tornou-se as primícias daqueles que

dormiam. Ele verdadeiramente levantou-se do sepulcro no terceiro dia, assim como ele próprio e seus profetas predisseram, e tornou-se efetivamente “a ressurreição e a vida” (João 11:25). Quebrou as cadeias da morte para todos nós. Nós também seremos ressuscitados. Nosso espírito será novamente unido a nosso corpo para nunca mais serem separados.

Há abundantes depoimentos e comprovações da ressurreição de Jesus Cristo. São muitas as testemunhas.

O Senhor ressuscitado apareceu a várias mulheres, aos discípulos no caminho de Emaús, a Pedro, aos apóstolos e, “depois”, como relata Paulo, “foi visto . . . , por mais de quinhentos irmãos . . . E por derradeiro de todos me apareceu também a mim [Paulo]” (I Coríntios 15:6, 8).

Durante os quarenta dias após a ressurreição, o Senhor manifestou-se de tempos em tempos e deu instruções em assuntos concernentes ao reino de Deus. Muito do que disse e fez não está escrito, mas as coisas que constam dos registros, assegura João, “foram escritas para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (João 20:31).

Ele disse a seus seguidores que em breve deveria subir ao Pai Celestial. Aproximando-se a hora de sua ascensão, o Senhor, naquele último e solene encontro, deu as últimas instruções aos discípulos.

Quando Cristo e seus discípulos foram “até Betânia”, onde Maria, Marta e Lázaro viviam, ele, “levantando as suas mãos, os abençoou” (Lucas 24:50). E tendo falado, foi elevado até que uma nuvem o cobriu e não puderam mais vê-lo. Enquanto os apóstolos estavam fitando o céu, dois personagens vestidos de branco apareceram. Eles falaram aos onze, dizendo: “Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir” (Atos 1:9–11).

Em espírito de adoração e com grande júbilo, os apóstolos voltaram a Jerusalém. A ascensão do Senhor fora cumprida. Foi verdadeiramente uma partida literal de um ser físico, porquanto a ressurreição fora o retorno efetivo de seu espírito a seu corpo material. Então os

discípulos compreenderam melhor algumas de suas últimas palavras—“Tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33). Por causa de Cristo, a sepultura não teve vitória permanente. A morte foi vencida!

Ele vive hoje! Disto presto solene testemunho. Esse mesmo Jesus veio à terra em nossos dias. O Cristo ressuscitado—glorificado, exaltado, o Deus deste mundo abaixo do Pai—apareceu ao menino Joseph Smith Jr. em 1820. Esse mesmo Jesus, que foi o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus de Moisés, o Criador desta terra, veio em nossos dias. Foi apresentado pelo Pai Celestial a Joseph Smith com estas palavras: “*Este é o Meu Filho Amado. Ouve-O!*” (Joseph Smith 2:17).

Há alguns em nosso meio que apóiam o sofisma de que essa aparição de Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, não foi literal, sendo, provavelmente, um fruto da imaginação de Joseph Smith. Isso não é verdade. É uma tentativa de desacreditar o testemunho de Joseph Smith. É também uma tentativa de desacreditar o próprio testemunho de Jesus, que visitou Joseph como testemunha de sua própria ressurreição.

A aparição de Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, a Joseph Smith é o maior evento ocorrido neste mundo desde a ressurreição do Mestre. Nós, da Igreja restaurada de Jesus Cristo, humilde e agradecidamente prestamos esse testemunho a todos os homens. Esta é a verdade, destinada a todos os filhos do Pai Celestial. Aqui está o testemunho adicional de Joseph Smith e Sidney Rigdon, que receberam esta gloriosa visão em 1832:

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai—

Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus” (D&C 76:22–24).

Sim, Jesus é o Cristo! Ele quebrou as cadeias da morte. É nosso Salvador e Redentor, o Filho de Deus. E virá novamente como nosso Senhor ressuscitado. Esse

dia não está distante. É evidente, para todos os que aceitam a ressurreição literal do Salvador, que a vida não acaba com a morte. Nosso Senhor prometeu: “Porque eu vivo, . . . vós vivereis” (João 14:19).

Para aqueles que acreditam nas revelações dos últimos dias e as aceitam, há um significado adicional para a ressurreição. Foi por meio de Joseph Smith que o Deus do céu revelou a verdade de que a família pode permanecer unida após a morte—que a afinidade, afeição e amor de um pelo outro pode existir eternamente. Um dos primeiros apóstolos desta dispensação, Élder Parley P. Pratt, escreveu:

“Foi Joseph Smith quem me ensinou a apreciar os carinhosos relacionamentos de pai e mãe, marido e mulher, irmão e irmã, filho e filha.

Foi com ele que aprendi que minha querida esposa poderia permanecer ligada a mim por todo o tempo e toda a eternidade e que a sutil afinidade e afeição que nos aproximava provinha da fonte eterna de amor divino. Foi com ele que aprendi que podemos cultivar esses sentimentos, fazendo-os crescer e desenvolver por toda a eternidade . . .

Foi com ele que aprendi a respeito do verdadeiro mérito e destino de um filho de Deus, investido de um sacerdócio eterno, como patriarca e soberano de sua [família]. Foi com ele que aprendi que o maior mérito da mulher era postar-se como rainha e sacerdotisa junto ao marido . . .

Eu já tinha amado antes, mas não sabia por quê. Naquele momento, porém, eu amava—com pureza—com a intensidade de um sentimento elevado, exaltado, que conduzia minha alma para fora das questões transitórias desta servil esfera e a expandia como o oceano. Sentia que Deus era realmente meu Pai do céu, que Jesus era meu irmão e que minha querida esposa era uma companheira imortal e eterna, um bondoso anjo que exercia seu ministério junto a mim, que me fora dada como um conforto e uma coroa de glória para sempre. Em suma, eu podia amar com o espírito e também com a compreensão” (*Autobiography*



FOTOGRAFIA DE PEGGY JELLINGHAUSEN

Qualificamo-nos para as bênçãos de amor eterno quando vamos com um par à casa do Senhor e recebemos as ordenanças de selamento que unem a família para a eternidade.

of Parley P. Pratt, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1968, pp. 297–98).

Qualificamo-nos para essas bênçãos quando vamos com um par à casa do Senhor e recebemos as ordenanças de selamento que unem a família para além da sepultura. Essas bênçãos não podem ser recebidas de outra maneira, pois o Senhor decretou: “A não ser que guardes a minha lei, não obterás esta glória” (D&C 132:21), glória essa que será um desenvolvimento eterno. (Ver D&C 132:19.)

Temos ainda outra responsabilidade a cumprir, a fim de unir nossas famílias—também revelada pelo Profeta desta dispensação. Jesus disse a seus apóstolos: “Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para meu Pai” (João 14:12).

Uma das obras que ele nos confiou nestes últimos dias, a nós que recebemos as ordenanças de exaltação, é a realização de ordenança e selamento em favor de nossos antepassados que não tiveram oportunidade de receber o evangelho na mortalidade. É nosso privilégio

abrir as portas da salvação àquelas almas que podem estar aprisionadas na escuridão do mundo espiritual, para que recebam a luz do evangelho e possam ser julgadas do mesmo modo que nós. Sim, “as obras que eu faço”—oferecer as ordenanças salvadoras do evangelho a outro—“também fará aquele que crê em mim.” Quantos milhares de vossos parentes ainda estão à espera dessas ordenanças de selamento?

Vale perguntar: “Já fiz tudo o que posso deste lado do véu? Serei um salvador para eles—meus progenitores?”

Sem eles nós não podemos ser aperfeiçoados! A exaltação é um caso de família.

Sim, porque ele vive, nós também viveremos. Porque ele vive, o amoroso relacionamento familiar que alimentamos neste lado do véu pode ser perpetuado nas eternidades. Porque ele vive, podemos participar da glória que é desfrutada pelo mais santo de todos—o Pai Celestial. □

AUXÍLIOS PARA DEBATE

1. Há vida após a morte. Há abundantes testemunhos da ressurreição de Jesus Cristo.
2. O Senhor encarregou-nos de receber as ordenanças do templo em favor de nossos progenitores que não tiveram a oportunidade de aceitar o evangelho na mortalidade.

U M T E S O U R O D A

Jenny Shaylor

Fiquei sabendo pela primeira vez do tesouro numa bela manhã, na Austrália, em outubro de 1992. Meu marido, que não é membro da Igreja, acordou e descreveu um sonho memorável. Ele contou que em seu sonho uma pessoa de minha família lhe havia pedido permissão para que eu fosse à China continental, a fim de obter os registros genealógicos de minha família.

Perguntei a meu marido qual seria sua resposta. Ele disse que não queria ser culpado de impedir-me de ir.

Fiquei maravilhada. Já havia planejado ir a Hong Kong, dali a alguns meses, para o casamento de minha filha. Ocorrera-me que, depois do casamento, poderia viajar até o antigo vilarejo de minha família, na China continental, onde nossos registros estavam guardados. Por causa do sonho de meu marido, decidi fazer a viagem.

Sentia-me entusiasmada, mas temerosa de ir à China sozinha. O Pai Celestial, porém, providenciou uma solução. Meu genro também estava indo para Hong Kong e ofereceu-se para acompanhar-me até a China.

No dia 16 de dezembro de 1992, embarcamos no trem de Hong Kong para GuangZhou, China. De GuangZhou, tomamos outro trem, viajando por onze horas até a cidade de MaoMeng. De MaoMeng, utilizamos uma motocicleta com carro lateral e viajamos por mais três horas até o vilarejo. Quando chegamos, meu tio ficou surpreso, pois recebera a carta avisando de

minha chegada na noite anterior. Reconheci-o imediatamente, pois parecia-se muito com meu pai. Depois de nos conhecermos melhor, perguntei-lhe dos registros.

Meu tio trouxe sete livros que traçavam a genealogia de minha família até cerca de setecentos anos no passado. Os registros não somente continham as datas de nascimento e morte, mas também um pouco da história de cada antepassado. Fiquei emocionada.

Tínhamos, porém, um sério problema. O vilarejo era tão afastado da civilização que não contava sequer com água corrente, muito menos com uma máquina fotocopadora. Copiar

os registros à mão levaria meses. Quando expressei minha preocupação, meu tio sorriu. Disse que tinha um conjunto extra que poderia dar-me. Meu genro e eu nos entreolhamos maravilhados. Aquelas pessoas eram pobres e fazer uma cópia extra devia ter custado muito dinheiro.

Por muitos anos eu justificara minha omissão quanto à história da família devido à falta de registros. Daquele momento em diante não haveria mais desculpas. Essa experiência convenceu-me de que meus antepassados aceitaram o



CHINA

evangelho no mundo espiritual e por esse motivo foi-me aberto o caminho para que eu tomasse posse de seus registros, que constituem verdadeiramente um tesouro inestimável. □

Por muitos anos eu justificara minha omissão quanto à história da família devido à falta de registros, mas tudo mudou quando um sonho abriu o caminho para que eu visitasse membros da minha família que nunca vira e que moravam na China.





VISÃO DE ISAIAS DO NASCIMENTO DE CRISTO, DE HARRY ANDERSON

TODOS OS PROFETAS PROFETIZARAM A RESPEITO DE CRISTO

D. Kelly Ogden e R. Val Johnson

A situação nada tinha de admirável. Muitos do povo do Senhor haviam-se esquecido de Deus. Alguns até mesmo se orgulhavam da própria iniquidade. A resposta do Senhor foi enviar um profeta. Falando a palavra de Deus com ousadia, Néfi, filho de Helamã, colocou os nefitas cara a cara com seus pecados e revelou que seus líderes faziam parte de uma sociedade secreta, cuja intenção era adquirir riqueza e poder a qualquer custo. (Ver Helamã 7.)

Os iníquos reagiram incitando o povo a silenciar Néfi, mas o espírito de profecia estava com ele e várias

pessoas creram em suas palavras, o que lhe permitiu escapar ileso.

No âmago de sua pregação, jazia uma decisiva realidade: Deus sempre declarara, por meio dos profetas, o que seu povo precisava saber e fazer, a fim de ser feliz e viver em paz. De todas essas mensagens, a principal era a de que o Filho de Deus viria à terra para redimir a humanidade. Todos os que volvessem os olhos para ele viveriam.

Néfi, então, citou uma lista de homens que haviam previsto detalhadamente o advento do Senhor, ressaltando que “muitos profetas”, ao longo dos séculos,

testificaram de Cristo. (Ver Helamã 8:11–22.)

Essa observação não foi exclusiva de Néfi. Mais de um século antes, Abinádi disse ao rei Noé: “Porventura não profetizou Moisés acerca da vinda do Messias, e que Deus redimiria o seu povo? Sim, e todos os profetas que têm profetizado desde o princípio do mundo, não falaram eles mais ou menos a respeito destas coisas?” (Mosiah 13:33; ver também Alma 34:2.)

Se os nefitas não sabiam do iminente ministério mortal de Cristo, era porque não estavam familiarizados com a palavra de Deus. As revelações



do Livro de Mórmon demonstram claramente que eles deviam saber o nome pelo qual o Messias seria chamado, quando nasceria, onde nasceria, o nome de Sua mãe, vários detalhes de Seu ministério, como ele sofreria e morreria, e que Sua ressurreição quebraria as cadeias da morte para toda a humanidade. Mais importante, eles deviam ter entendido como Sua expiação os reconciliaria com Deus e o que precisavam fazer para receber essa maravilhosa dádiva.

Os mesmos detalhes—com a mesma clareza—parecem não ter

sido do conhecimento do povo de Jerusalém, pelo menos não no tempo do ministério do Senhor lá. Ainda assim, havia um número suficiente de profecias com pistas em grande quantidade, que podiam ser aplicadas na investigação sobre a vinda do Messias. Jesus Cristo não veio à terra sem ser anunciado. De Adão a João Batista, de Léhi a Samuel, o lamanita, os profetas testificaram sua vinda e ensinaram a respeito de sua expiação.

Muitos dos antigos receberam essas verdades com alegria. Outros, porém, rejeitaram-nas, como se

fossem pura especulação. Se estivéssemos entre aqueles que foram ensinados por Néfi, filho de Helamã, conheceríamos as profecias o suficiente para rejubilar-nos com o advento do Salvador? Ou teríamos, também, olhado além do marco?

As páginas seguintes resumem muitas das profecias concernentes ao ministério do Messias.

D. Kelly Ogden é professor adjunto de escritura antiga da Universidade Brigham Young. R. Val Johnson é editor gerente assistente de International Magazines.



TRATAR DOS NEGÓCIOS DE MEU PAI, DE HARRY ANDERSON; CORTESIA DE PACIFIC PRESS PUBLISHING.

Profecias que Detalham o Ministério de Cristo

Profecia	Porta-voz/Escritor	Referência Escriturística
SEU NASCIMENTO		
■ O Criador, Jeová, nasceria com um corpo mortal, a fim de redimir a humanidade.	Irmão de Jared, Isaías, Néfi, Zenos, Jacó, rei Benjamim, Abinádi, Amon, Lamôni, João Batista	Éter 3:6–16; Isaías 44:24; 1 Néfi 19:7–12; 2 Néfi 9:5; Mosiah 3:5; 7:27; 13:34; 15:1; Alma 19:13; D&C 93:6–11
■ Ele seria o Deus de Israel, o Unigênito do Pai na carne.	Adão, Enoque, Moisés, Isaías, Néfi, Jacó, Abinádi, Alma, João Batista	Moisés 1:6, 33; 2:1, 26; 6:52; Isaías 9:6–7; 1 Néfi 11:20–21; 22:12; 2 Néfi 25:12; Jacó 4:5; Mosiah 15:2–5; Alma 5:48; D&C 93:11–14
■ Sua mãe seria uma virgem, descendente do rei Davi; ela seria de Nazaré e seu nome seria Maria.	Jacó, Moisés, Isaías, Jeremias, Néfi, rei Benjamim, Alma	Gênesis 49:24; Isaías 7:14; 11:1; Jeremias 23:5–6; 33:15–16; 1 Néfi 11:13–21; Mosiah 3:8; Alma 7:10
■ Sinais acompanhariam seu nascimento.	Samuel, o lamanita	Helamã 14:3–7
SEU NOME		
■ O Messias seria chamado “Salvação” (em hebraico, <i>Yeshua</i> ; em português, Jesus).	Moisés, Isaías	Êxodo 15:2; Isaías 12:2–6
■ Seu nome seria Jesus Cristo.	Adão, Enoque, Noé, irmão de Jared, Moisés, Néfi, Jacó, rei Benjamim, Abinádi, Alma	Moisés 6:52,57; 8:23–24; Éter 3:14–16; 2 Néfi 25:19; Jacó 4:4–6; Mosiah 3:8,17; 15:21; Alma 5:48
ÉPOCA DE SEU NASCIMENTO		
■ Jesus nasceria no meridiano dos tempos, 600 anos após Léhi ter deixado Jerusalém e 5 anos após a profecia de Samuel.	Adão, Enoque, Moisés, Léhi, Néfi, Samuel, o lamanita	Moisés 5:57; 6:57,62; 7:45–46; 1 Néfi 10:4; 19:8; 2 Néfi 25:19; Helamã 14:2
LOCAL DE SEU NASCIMENTO		
■ Cristo nasceria perto de Jerusalém, em Belém.	Miquéias, Jacó, Alma	Miquéias 5:2; 2 Néfi 10:3; Alma 7:10

EXPIAÇÃO: DETALHES DE SEU MINISTÉRIO

■ Um profeta-mensageiro prepararia o caminho para a missão do Messias.	Isaías, Léhi, Néfi	Isaías 40:3; 1 Néfi 10:7-8
■ Cristo sairia do Egito.	Oséias	Oséias 11:1
■ Ele seria criança em Nazaré.	Néfi	1 Néfi 11:13, 20
■ Seria batizado pelo profeta-mensageiro, perto de Betabara; o Espírito de Deus desceria sobre ele como uma pomba.	Léhi, Néfi	1 Néfi 10:9-10; 11:27; 2 Néfi 31:4-8
■ Sofreria tentações, fome e sede.	Isaías, rei Benjamim, Abinádi, Alma	Isaías 53:3; Mosiah 3:7; 15:5; Alma 7:11
■ Chamaria doze apóstolos no Velho Mundo e doze discípulos no Novo Mundo.	Néfi	1 Néfi 11:29, 34; 12:6-10
■ Pregaria boas-novas.	Isaías	Isaías 61:1
■ Cuidaria de Seus seguidores como um pastor.	Isaías, Ezequiel	Isaías 40:10-11; Ezequiel 34:11-31
■ Seria um sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedeque.	Moisés, Davi, Alma	TJS, Gênesis 14:25-31; Salmos 110:1-4; Alma 13:7-9
■ Ministraria com poder, fazendo milagres.	Isaías, Néfi, Jacó, rei Benjamim, Abinádi, Alma	Isaías 59:16-19; 1 Néfi 11:28,31; 2 Néfi 10:4; Mosiah 3:5-6; 15:6; Alma 5:50
■ Viria a Sião (Jerusalém).	Isaías	Isaías 59:20
■ Viria como um rei, montado num jumento.	Zacarias	Zacarias 9:9
■ Seria uma pedra de tropeço para Seu povo, que o rejeitaria.	Davi, Isaías, Néfi, Jacó	Salmos 118:21-22; Isaías 8:13-14; 53:3; 1 Néfi 11:28; 19:13; 2 Néfi 10:3-5; 25:12; Jacó 4:15
■ Seus amigos o traíam por trinta moedas de prata.	Davi, Zacarias	Salmos 41:9; Zacarias 11:12-13; 13:6
■ Prenúncios de Seu ministério.	Adão, Enoque, Jacó	Moisés 6:62-63; 2 Néfi 11:4





EXPIAÇÃO: DETALHES DE SEU MINISTÉRIO

■ Cristo submeteu-se voluntariamente ao sofrimento.	Isaías, Zenos, Néfi, Abinádi	Isaías 50:6; 53:7; 1 Néfi 19:9–12; Mosiah 15:5–6
■ Ele seria inocente.	Isaías	Isaías 53:9
■ Sofreria para expiar nossos pecados e tomar sobre si as nossas enfermidades; sangue correria de cada um de Seus poros.	Isaías, Jacó, rei Benjamim, Alma, Amuleque, Aarão	Isaías 53:3–12; 2 Néfi 9:21–22; Mosiah 3:7; Alma 7:11–13; 21:9; 34:8–9
■ Seria julgado e aprisionado.	Isaías, Néfi	Isaías 53:8; 1 Néfi 11:32
■ Prenúncios de Seu sofrimento.	Abraão, Isaque, Moisés, Jacó	Gênesis 22:1–14; Levítico 16:7–10; Jacó 4:5

EXPIAÇÃO: SUA CRUCIFICAÇÃO

■ Cristo morreria voluntariamente.	Isaías, Léhi, Néfi, Abinádi	Isaías 53:7, 9, 12; 1 Néfi 19:9–10; 2 Néfi 2:6–7; Mosiah 15:6–7
■ Seria crucificado por Seu próprio povo e em benefício dele.	Enoque, Zenoque, Naum, Léhi, Néfi, Jacó	Moisés 7:47, 55; 1 Néfi 10:11; 11:32–33; 19:10; 2 Néfi 6:9; 10:3–5; 25:13
■ Suas mãos e pés seriam perfurados.	Davi, Isaías, Zacarias	Salmos 22:16; Isaías 22:23–25; Zacarias 12:10; 13:6
■ Seria escarnecido e sofreria dor e sede.	Davi, Isaías, rei Benjamim	Salmos 22:7–8; Isaías 50:6; Mosiah 3:7
■ Ser-lhe-ia dado vinagre para beber.	Davi	Salmos 69:20–21
■ Diria palavras específicas de cima da cruz.	Davi	Salmos 22:1; 31:5
■ Nenhum de Seus ossos seria quebrado.	Davi	Salmos 34:19–20
■ Lançariam sortes por Suas vestes.	Davi	Salmos 22:18
■ Seria enterrado num sepulcro.	Zenos, Néfi	1 Néfi 19:10; 2 Néfi 25:13
■ Sinais acompanhariam Sua morte.	Zenos, Néfi, Samuel, o lamanita	1 Néfi 12:4–6; 19:10–13; Helamã 14:20–28
■ Prenúncios de Sua expiação e morte.	Adão, Eva, Enoque, Abraão, Isaque, Moisés, Ezequiel, Néfi, Jacó, Alma, Néfi (filho de Helamã)	Moisés 5:4–7; 6:63–68; Gênesis 22:1–14; Êxodo 12; 16:12–35; 17:1–7; 29; Levítico 1–17; 21–23; Números 19; 21:5–9; Ezequiel 43:18–27; 45:18–25; 1 Néfi 17:41; Jacó 4:4–5; Alma 33:18–23; Helamã 8:13–15

EXPIAÇÃO: SUA RESSURREIÇÃO

■ Jesus ressuscitaria dos mortos após três dias e mostrar-se-ia a testemunhas.	Léhi, Néfi, rei Benjamim	1 Néfi 10:11; 2 Néfi 25:13–14; 26:1; Mosiah 3:10
■ Outros seriam ressuscitados por causa de Sua vitória sobre a morte.	Enoque, Moisés, Samuel, Jó, Davi, Isaías, Ezequiel, Oséias, Léhi, Jacó, Abinádi, Alma, Amuleque, Samuel, o lamanita	Moisés 7:55–57,62; 1 Samuel 2:6; Jó 19:25–27; Salmos 16:9–10; Isaías 25:8; 26:19; Ezequiel 37:12–13; Oséias 13:14; 2 Néfi 2:8; 9:4–13; Mosiah 13:33–35; 15:20–24; 16:7–11; Alma 11:42–45; 33:22; 40:2–23; Helamã 14:25
■ Prenúncios de Sua ressurreição.	Jonas	Jonas 1:17; 2:1–10; ver também prenúncios de Sua morte, acima.

A EXPIAÇÃO: POR QUÊ E COMO

■ A Expição seria infinita.	Néfi, Jacó, Amuleque	2 Néfi 9:7; 25:16; Alma 34:8–14
■ O sacrifício de Cristo satisfaria as leis de justiça e misericórdia.	Jacó, Abinádi, Alma, Amuleque	2 Néfi 9:25–26; Mosiah 15:8–9,26–27; Alma 34:14–18; 42:13–30
■ Sua expiação redimiria toda a humanidade da morte física, trazida ao mundo pela queda de Adão.	Léhi, Jacó, Abinádi, Alma, Amuleque, Aarão	2 Néfi 2:8–9; 9:4–15; Mosiah 15:7–9,20–27; Alma 11:39–45; 12:21–25; 22:13–14; 40:23; 41:2–15
■ Sua expiação redimiria da morte espiritual todos os que tivessem fé nele, se arrependessem, fossem batizados, recebessem o Espírito Santo e perseverassem; assim eles receberiam felicidade e vida eterna.	Adão, Eva, Enoque, Noé, irmão de Jared, Isaías, Léhi, Néfi, Jacó, rei Benjamim, Abinádi, Alma, Amuleque, Aarão, João Batista	Moisés 5:8–11; 6:51–68; 8:23–24; Mateus 3:11; Êter 3:14; Isaías 1:16–18; 1 Néfi 10:4–6; 2 Néfi 2:3–29; 9:10–42; 31:10–21; Mosiah 3:11–21; 4:5–30; 5:6–15; 15:10–19; Alma 5:6–62; 11:36–43; 12:12–37; 22:14; 34:2–41; 42:2–28

SUA VISITA AO MUNDO ESPIRITUAL

■ A expiação do Salvador estender-se-ia ao mundo espiritual.	Enoque, Isaías, Zacarias	Moisés 7:57; Isaías 42:6–7; 61:1; Zacarias 9:11
--	--------------------------	---

SUA VISITA A UM RAMO DE JOSÉ

■ Cristo visitaria um ramo dos descendentes de José.	José, Néfi	TJS, Gênesis 50:25; 1 Néfi 12:1,6; 2 Néfi 26:1
--	------------	--

SUA ASCENSÃO AO CÉU

■ Jesus subiria ao Pai.	Enoque	Moisés 7:59 □
-------------------------	--------	---------------



O R A P A Z

Eliza Tanner

FOTOGRAFIA DE JED CLARK E FAMÍLIA ABALLAY



Não ficaria nervoso se o diretor de sua escola repentina e inesperadamente o chamasse ao escritório dele?

Ficaria especialmente nervoso, se fosse Richard Aballay, um terceiranista da escola secundária de um seminário católico na Cidade de Nova York. Richard vira propaganda da Igreja Mórmon na TV, contatara os missionários e fora batizado. Não



D O B R O N X

havia, porém, contado sobre o batismo a ninguém da escola, onde os rapazes eram preparados para se tornarem padres católicos.

“Como está se saindo nos estudos?” perguntou o diretor educadamente naquele fatídico dia no final de outubro.

“Bem”, respondeu Richard, cautelosamente.

Então o diretor abordou o assunto que era alvo de sua preocupação real. “Afiliou-se a outra igreja?”

“Sim.”

“Qual?”

“A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.”

“Por que?”

“Conheci melhor o Salvador naquela Igreja. Sei que ela tem feito mais por mim. É a Igreja de Deus.”

Enquanto o diretor fazia sua reprimenda, advertindo Richard de que ser membro de uma igreja diferente era motivo para expulsão, Richard pensava como seria fácil dizer que ele inventara tudo aquilo. Então poderia terminar o terceiro ano em paz.

“Eu não poderia fazer isso”, disse Richard mais tarde. “Não podemos negar a verdade quando a possuímos”.

No dia seguinte a notícia era oficial: Richard teria que deixar a escola.

A semana seguinte foi um tormento, disse Richard. Com muita oração, porém, sua família conseguiu-lhe uma vaga em outra boa escola.

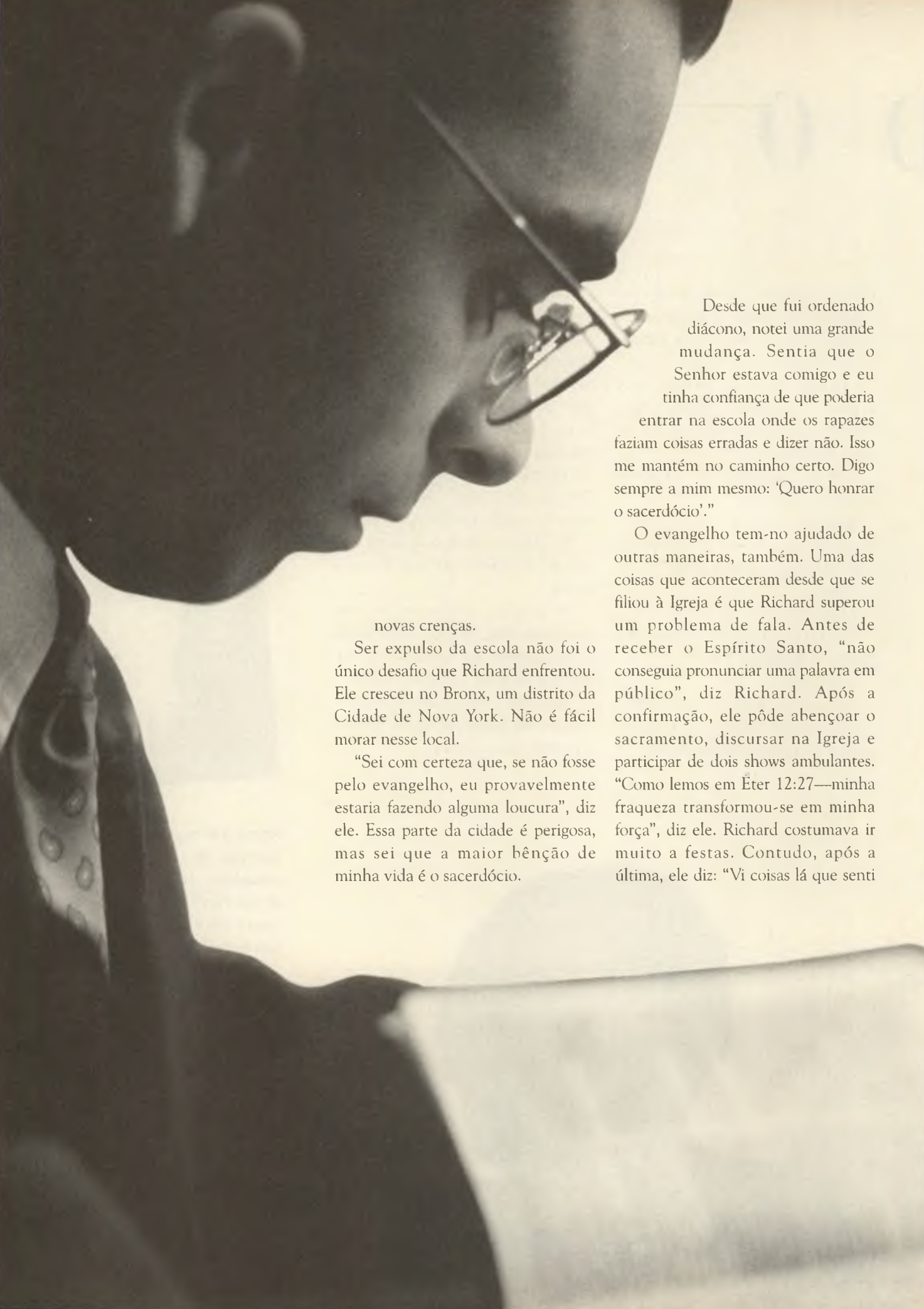
“Aprendi, com aquela experiência”, diz Richard, “que o Senhor jamais me abandonará.”

Na verdade, a experiência deu a Richard a oportunidade de falar a mais pessoas a respeito do evangelho, uma vez que seus colegas de classe queriam saber por que ele sairia da escola por causa de suas



Acima à esquerda: Richard participa de um show ambulante de sua ala em Bronx, Nova York. À esquerda: Com o pai e a mãe. Acima: Em seu batismo.





Desde que fui ordenado diácono, notei uma grande mudança. Sentia que o Senhor estava comigo e eu tinha confiança de que poderia entrar na escola onde os rapazes faziam coisas erradas e dizer não. Isso me mantém no caminho certo. Digo sempre a mim mesmo: 'Quero honrar o sacerdócio'."

novas crenças.

Ser expulso da escola não foi o único desafio que Richard enfrentou. Ele cresceu no Bronx, um distrito da Cidade de Nova York. Não é fácil morar nesse local.

"Sei com certeza que, se não fosse pelo evangelho, eu provavelmente estaria fazendo alguma loucura", diz ele. Essa parte da cidade é perigosa, mas sei que a maior bênção de minha vida é o sacerdócio.

O evangelho tem-no ajudado de outras maneiras, também. Uma das coisas que aconteceram desde que se filiou à Igreja é que Richard superou um problema de fala. Antes de receber o Espírito Santo, "não conseguia pronunciar uma palavra em público", diz Richard. Após a confirmação, ele pôde abençoar o sacramento, discursar na Igreja e participar de dois shows ambulantes. "Como lemos em Êter 12:27—minha fraqueza transformou-se em minha força", diz ele. Richard costumava ir muito a festas. Contudo, após a última, ele diz: "Vi coisas lá que senti

não serem corretas. Por alguma razão sabia que não pertencia àquele lugar”.

Ele saiu da festa e prometeu solenemente servir mais, envolver-se mais na escola, no estudo das escrituras, ouvir boa música—e não assistir à TV em excesso.

“Foi difícil”, diz ele. “Desejava manter-me atualizado quanto ao que ocorria no mundo. Não queria tornar-me um eremita social, mas senti que, se pretendia sair em missão, casar-me no templo e receber chamados, eu tinha de ser digno.”

Muitos de seus amigos acham que é uma estrada estranha para se trilhar. Também estranham que ele tenha decidido aceitar o chamado para servir como missionário de tempo integral na Missão Paraguai Assunção. E Richard concorda com eles.

“Ao observar o estilo de vida de um discípulo de Cristo—de um membro da Igreja—vemos que é

estranho, se comparado ao do resto do mundo. Deus não trabalha ou pensa da mesma forma que o homem e ele não quer que atuem e pensemos como o resto do mundo. Então, como o Senhor age de maneira diferente da do mundo, parece que somos um povo estranho e peculiar, mas orgulho-me de ser estranho! Não creio que haja nada de estranho nisso.

A verdade é que, agora que estou do outro lado, creio que o estilo de vida de outras pessoas é que é estranho. Quero fazer com que seu estilo de vida seja aquele que sei ser melhor para elas—e isso seria levá-las a Cristo.”

O Apóstolo Paulo convidou todos a não serem mais “estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos” (Efésios 2:19). Richard Aballay faz o mesmo convite aos estrangeiros do mundo e, ao fazê-lo, o rapaz do Bronx tornou-se um homem. □



À esquerda: Richard preparou-se para a missão no Paraguai no Centro de Treinamento Missionário em Provo, Utah.

Acima: Ao lado de seu companheiro no CTM, Ricardo Benjamin Morales. Abaixo: Com seus colegas de classe no CTM de Provo.





MOMENTOS DE ENSINO

Mary Morril

Um dia, quando nosso filho Andrew tinha quatro anos, pedi-lhe que se sentasse num banco da cozinha e conversasse comigo enquanto eu preparava o almoço. Estando ele sentado, contei-lhe a primeira visão de Joseph Smith. Ele ouviu com atenção. No dia seguinte, quando comecei a preparar o almoço, ele subiu ao banco sem que eu lhe pedisse e falou: “Mãe, conta de novo a história de Joseph Smith”. Desta vez, elaborei-a mais do que no dia anterior e senti-me quase como se estivesse prestando testemunho a ele. No outro dia, a mesma coisa aconteceu. E assim foi até sábado.

No domingo, após as reuniões da Igreja, sua professora perguntou-me: “O que fez com Andrew?”

“Como assim?”, respondi, “ele não se comportou bem hoje?”

Lágrimas desceram por sua face enquanto ela me relatava como ele contara a história da Primeira Visão na aula—com sensibilidade e pormenores mais ricos do que ela julgara possível para um menino daquela idade. O testemunho dele levava-a às lágrimas e ela já

arranjara para que ele contasse a história na Primária, no domingo seguinte. “Por favor, não o ajude a preparar-se”, pediu ela, “quero que ele conte a história de Joseph Smith exatamente como o fez na aula de hoje”.

Quando Andrew era adolescente, perguntei-lhe se sabia que Joseph Smith fora verdadeiramente um profeta. Ele olhou para mim com estranheza e disse: “Mãe, sabe que sei”. Quando perguntei quando tinha recebido esse testemunho, ele deu de ombros e disse, pensativamente: “Não sei . . . acho que sempre soube”.

Olhando para trás, acredito que ele recebeu seu testemunho quando criança, sentado em um banco de nossa cozinha. Naqueles poucos e preciosos momentos, enquanto meu testemunho ardia dentro de mim, acho que ele, também, sentiu o calor do Espírito.

Talvez as maiores oportunidades de ensinarmos os filhos sejam esses breves momentos. Nunca poderemos medir completamente o seu efeito, mas, somados, eles podem ter forte influência sobre aqueles que amamos. □

LEMBRAR-SE DO SALVADOR POR MEIO DO SACRAMENTO

Enquanto sacerdotes e escribas tramavam Sua morte, Jesus reuniu os discípulos pela última vez. Faltava pouco para o Getsêmani—e depois o Calvário. Em breve Seus seguidores ficariam sozinhos para enfrentar um mundo hostil a sua fé. Enfrentariam o desafio de manter a fé sem Sua presença diária para fortalecê-los. Com o passar dos anos, precisariam lembrar-se de que o Salvador dera a vida por eles. Precisariam recordar e guardar os mandamentos do Senhor para que pudessem viver com Ele eternamente.

Àqueles reunidos na Última Ceia—e a todos que mais tarde se denominaram Seus discípulos—o Salvador deu uma dádiva. A dádiva é o sacramento, e é um lembrete semanal dos ensinamentos do Salvador e da expiação. Por meio dele podemos ter o Espírito do Senhor conosco durante este período solitário em que ele não está conosco na terra.

PODEMOS TER SEMPRE SEU ESPÍRITO CONOSCO

O pão e a água lembram-nos a carne e o sangue do Salvador, que ele sacrificou por nossos pecados. Ao comer e beber estes símbolos, somos convidados a recordar-nos de Seu amor e sofrimento por nós. É-nos dada a oportunidade de renovarmos as promessas sagradas que fizemos por



ILUSTRAÇÃO DE LONNIE CLARK

ocasião do batismo. Podemos fazer novamente o convênio de tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo e de honrar esse nome, identificando-nos com Ele, Seu nome, Sua Igreja e Seus ensinamentos e vivendo o evangelho.

Dessa forma, ao convidarmos o Salvador para dentro de nossos pensamentos e de nosso coração, podemos experimentar mais uma vez a pureza que sentimos no batismo. Como crianças que se encontram a cada dia com novo entusiasmo, podemos iniciar cada semana livres de nossos pecados e erros. Podemos também receber a bênção prometida de ter o Espírito Santo sempre conosco. Uma mulher, menos ativa na Igreja havia anos, ansiava por estar mais perto do Salvador, mas foi só quando voltou para a Igreja que sentiu alegria e paz, ao tomar o sacramento. Então a promessa tornou-se uma doce realidade para ela.

• Como o sacramento nos auxilia a

superar o pecado e aproximar-nos do Senhor?

PODEMOS PREPARAR-NOS PARA PARTICIPAR CONSCIENTEMENTE DO SACRAMENTO

É importante que nos preparemos para o sacramento. Isto não quer dizer que tenhamos de ser perfeitos para partilhar do sacramento, mas precisamos estar fazendo o melhor, a fim de que nosso coração e nossas ações estejam no caminho certo. Podemos fazer isto arrependendo-nos do pecado, para que participemos dignamente. E enquanto o sacramento for distribuído, devemos meditar sobre nosso convênio batismal, talvez lendo uma passagem de escritura, como Mosiah 18:8–11. Ao refletirmos acerca da expiação de Jesus Cristo em nosso favor, podemos procurar formas de melhorar nossa vida e de nos dedicarmos com renovado esforço a Seu serviço.

Todo domingo uma jovem mãe lê uma escritura a respeito do Salvador para os filhos. Menciona uma qualidade pessoal que eles podem desenvolver. Então incentiva as crianças a, durante o sacramento, pensarem em Jesus e no traço de caráter que esperam reproduzir em sua própria vida.

• Como pode preparar-se para participar do sacramento mais ponderadamente? □

Pecado e Sofrimento

Élder Dallin H. Oaks

Do Quorum dos Doze Apóstolos

Estamos apreensivos com a atitude muito despreocupada com que certas pessoas encaram o pecado. Alguns jovens dizem: “Vou fazer o que tenho vontade agora, depois me arrependerei rapidamente e irei para a missão [ou me casarei no templo], e tudo vai ficar bem”.

Os jovens não são os únicos que têm uma atitude despreocupada com relação ao pecado. Conhecemos membros adultos da Igreja que cometem transgressões sérias, proposital e deliberadamente, confiando na capacidade de arrependem-se rapidamente e tornarem-se “como novos”. Essas pessoas querem a conveniência ou usufruto do pecado no presente e os benefícios da retidão no futuro. Querem

experimentar o pecado sem sofrer as conseqüências.

O Livro de Mórmon descreve esse tipo de pessoas: “E muitos também dirão: Comei, bebei e diverti-vos; não obstante, temei a Deus—ele justificará a prática de pequenos pecados; sim, menti um pouco, aproveitai-vos das palavras de alguns, abri uma cova ao vosso vizinho; não haverá mal nisso. Fazei todas estas coisas porque amanhã morreremos; e, se acontecer estarmos culpados, Deus nos castigará com uns poucos açoites e, ao fim, seremos salvos no reino de Deus” (2 Néfi 28:8).

A atitude e a postura de tais pessoas são exatamente opostas às do Salvador, que nunca experimentou o pecado mas sofreu todas as suas agonias em seu sacrifício expiatório.

PECADOS QUE IMPEDEM O PROGRESSO

Para evitar mal-entendidos, darei alguns exemplos do que chamo de pecado ou transgressão. Em sentido mais amplo, o pecado inclui todo comportamento errado e toda fonte de impureza, mas muito do que é considerado pecado sob esta definição mais ampla não passa de grãos de areia que não impedem nosso progresso na jornada para a vida eterna. Os pecados a que me refiro, entretanto, são as transgressões sérias, as grandes pedras em nosso caminho que impedem o progresso e não podem ser removidas sem um longo período de arrependimento.

Durante uma semana, um



observador esclarecido anotou alguns dos crimes relatados em um jornal de Utah e riscou os que não envolviam membros da Igreja. A lista resultante nos fornece exemplos de pecados cometidos por santos dos últimos dias:

- Fraude
- Tráfico de drogas ilegais
- Agressão
- Rapto
- Abuso sexual
- Um profissional que manteve relações sexuais com uma cliente

Os registros disciplinares da Igreja nos mostram outras transgressões sérias que raramente são noticiadas nos jornais: adultério, fornicação, poligamia e apostasia.

O Salvador falou aos nefitas sobre o julgamento final, no qual ele seria “uma testemunha veloz contra os feiticeiros e adúlteros, contra os que juram falso e contra os que oprimem o empregado em seu salário” (3 Néfi 24:5).

Estes são alguns exemplos de transgressões sérias. Podemos citar outros.

PRINCÍPIOS BÁSICOS

Para começar, vamos examinar alguns princípios conhecidos.

1. Um dos principais propósitos desta vida é Deus testar seus filhos para ver se cumprirão seus mandamentos. (Ver Abraão 3:25.)

2. Portanto, esta vida é “um tempo de provação”, como dizia Alma, “um tempo para [o homem] arrepender-se e servir a Deus”. (Alma 42:4.)

3. Quebrar um mandamento de Deus é pecado.

4. No julgamento final, nós nos apresentaremos perante Deus para sermos julgados de acordo com nossas obras. (Ver Alma 11:41; 3 Néfi 26:4; D&C 19:3.)

5. Para cada pecado há “uma pena fixada”. (Alma 42:18; ver também Amós 3:1–2).

6. Aqueles que quebraram os mandamentos de Deus e não se arrependeram nesta vida apresentar-se-ão “com vergonha e terrível culpa diante de Deus” (Jacó 6:9). Terão “um terrível espetáculo de sua culpa e abominações” (Mosiah 3:25). As escrituras o descrevem como “um vivo sentimento de . . . culpa, dor e angústia, o qual é como um fogo inextinguível, cuja chama se eleva para sempre” (Mosiah 2:38).

7. As terríveis exigências da justiça com relação àqueles que violaram as leis de Deus, o “estado de miséria e tormento sem fim” (Mosiah 3:25) descrito nessas escrituras, podem ser mediados pela expiação de Jesus Cristo. Essa é a essência do evangelho de Jesus Cristo.

Qual o significado desses princípios básicos para um santo dos últimos dias despreocupado, que deliberadamente comete uma transgressão séria, esperando usufruir os efeitos e benefícios do pecado no presente e depois tornar-se como novo por meio de um arrependimento rápido e relativamente indolor?

O Livro de Mórmon nos ensina que o Salvador não redime os homens “em seus pecados” (Alma 11:34, 36, 37; Helamã 5:10). “Os perversos permanecem como se não

tivesse havido redenção, sendo-lhes apenas afrouxadas as cadeias da morte” (Alma 11:41). O Salvador veio para redimir os homens “de seus pecados por meio do arrependimento” e sob “as condições que encerra o arrependimento” (Helamã 5:11; grifo nosso).

Uma dessas condições do arrependimento é a fé no Senhor Jesus Cristo, incluindo a fé e a esperança em seu sacrifício expiatório. Como Amuleque ensinou: “Aqueles que não exercem a fé para o arrependimento ficam expostos a todas as disposições das exigências da justiça; portanto, apenas sobre os que possuem fé para se arrepender tem efeito o grande e eterno plano de redenção” (Alma 34:16).

SOFRIMENTO PESSOAL PELO PECADO

Outra condição do arrependimento é o sofrimento ou punição pelo pecado. Nas palavras de Alma: “O arrependimento não poderia sobrevir aos homens se não houvesse uma punição” (Alma 42:16). Onde houve pecado, deve haver sofrimento.

Talvez a maior declaração desse princípio encontrada nas escrituras seja a revelação que o Senhor deu ao Profeta Joseph Smith em março de 1830. (Ver D&C 19.) O Senhor lembra-nos do “grande dia do juízo”, quando todos serão julgados de acordo com suas obras (versículo 3). Ele explica que tormento ou punição “infinita” ou “eterna” é o tormento ou a punição decorrente do pecado e não uma punição que não tem fim. É a punição de Deus, que é infinito e

**Por três dias, Alma foi “atormentado e perturbado
pela lembrança de tantos pecados”, até que clamou
a Jesus Cristo pedindo para ser perdoado.
(Ver Alma 36:5-23.)**

eterno. (Ver versículos 10-12.)

Nesse contexto, o Salvador do mundo nos ordena que nos arrependamos e guardemos seus mandamentos. “Arrepende-te”, ordena ele, “para que . . . os teus sofrimentos [não] sejam dolorosos —quão dolorosos tu não o sabes, nem quão pungentes, sim, e nem quão difíceis de suportar.

Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer;

Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como eu sofri;

Sufrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente—desejar não ter de beber a amarga taça e recuar—

Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as preparações para os filhos dos homens.

Assim, ordeno outra vez que te arrependas, para que eu não te humilhe com o meu poder onipotente; que confesses os teus pecados, para que não sofras os castigos de que tenho falado” (versículos 15-20).

SUPORTAR O FARDOS

Quando pensamos nessas sérias palavras do Salvador, percebemos que existe algo muito estranho na atitude ou “coração” da pessoa que deliberadamente comete pecado, esperando poder arrepende-se rápida e confortavelmente e continuar a ser um servo de Deus, pregando o arrependimento e convidando as pessoas a virem a Cristo. Vou ilustrar

a estranheza dessa atitude com uma analogia.

A mãe de uma grande família está atarefada até quase o limite de sua capacidade. Passa o dia inteiro cuidando das necessidades de sua grande família: preparando refeições, consertando roupas, provendo transporte, aconselhando, cuidando dos que estão doentes, consolando os que choram e administrando todas as



ALMA, O FILHO, CAI EMUDECIDO, POR JERRY HARSTON

outras necessidades das quais uma mãe pode cuidar. Ela se comprometeu a fazer todo o possível para cuidar das necessidades de seus filhos.

Ela está dando a vida por eles. Os filhos sabem que ela tentará levar todos os fardos que forem colocados em seus ombros. A maioria dos filhos são atenciosos e fazem o que podem para minimizar o fardo da mãe, mas alguns, sabendo de sua disposição para o trabalho, acumulam sem pena mais e mais tarefas sobre as suas costas. “Não se preocupem”, é a

atitude que têm; “ela vai dar conta disso. Ela disse que o faria. Deixemos a mãe fazer isso e vamos aproveitar a vida”.

Nesta analogia, obviamente, estou comparando os filhos descuidados com aqueles que pecam na expectativa de que outra pessoa carregue o fardo do sofrimento. Quem carrega esse fardo é o Salvador.

TUDO TEM SEU PREÇO

Estou sugerindo que as pessoas que cometem pecados despreocupadamente não têm acesso aos benefícios da expiação? É claro que não. O que estou sugerindo é que existe uma relação entre o pecado e o sofrimento, que não é compreendida pelas pessoas que pecam deliberadamente, esperando que todo o fardo do sofrimento seja carregado por outra pessoa, que o pecado seja todo delas mas o sofrimento seja todo dele. Não é assim que as coisas acontecem. O arrependimento, que é uma passagem segura para um destino eterno, não pode ser obtido de graça.

Vamos examinar duas escrituras:

(1) “O arrependimento não poderia sobrevir aos homens se não houvesse uma punição” (Alma 42:16); e (2) o Salvador disse que havia sofrido estas coisas por todos, “para que, arrependendo-se, não precisassem sofrer; Mas se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como [ele sofreu]” (D&C 19:16-17).

Isso, obviamente, significa que o transgressor não arrependido deve sofrer por seus próprios pecados, mas

significará também que a pessoa que se arrepende não precisa sofrer nada porque o Salvador sofreu a punição inteira? Não pode ser esse o significado, pois não estaria de acordo com os outros ensinamentos do Salvador. O que isso quer dizer é que a pessoa que se arrepende não precisa sofrer “assim como” o Salvador sofreu por aquele pecado. O pecador que se arrepende passa por um certo sofrimento, mas devido ao arrependimento e à expiação, não terá que suportar todo o tormento eterno e “incomum” que o Salvador sofreu.

O Presidente Kimball, que nos ensinou tão bem a respeito do arrependimento e do perdão, disse que o sofrimento pessoal “é uma parte muito importante do arrependimento. Uma pessoa não começou a se arrepender se ainda não sofreu intensamente por seus pecados . . . Se a pessoa não sofreu, ela não se arrependeu” (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1982, pp. 88, 89).

O Salvador ensinou esse princípio quando disse que seu sacrifício expiatório era para “todos os quebrantados de coração e contritos de espírito, e por nenhum outro podem as demandas da lei ser cumpridas” (2 Néfi 2:7). O pecador arrependido que se achega a Cristo com um coração quebrantado e um espírito contrito passou por um processo que envolve dor e sofrimento pessoal pelo pecado cometido. Ele compreende o significado da declaração de Alma de que “apenas os verdadeiros penitentes são salvos” (Alma 42:24).

A TRISTEZA SEGUNDO DEUS

Bruce C. Hafen descreveu como algumas pessoas procuram “atalhos [para o arrependimento] e respostas fáceis, pensando que apenas uma confissão apressada ou um pedido de desculpas superficial seja o suficiente” (*The Broken Heart*, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1989, p. 150). O Presidente Kimball disse: “Muito freqüentemente as pessoas pensam que se arreponderam e são dignas do perdão quando tudo o que fizeram foi expressar tristeza e pesar pelo acontecimento infeliz” (*Teachings of Spencer W. Kimball*, p. 87). Existe uma grande diferença entre “a tristeza segundo Deus, [que] opera arrependimento” (II Coríntios 7:10), a qual envolve sofrimento pessoal, e a fácil e relativamente indolor tristeza por ter sido descoberto ou a tristeza imprópria descrita por Mórmon como “o lamento dos condenados porque o Senhor não lhes havia permitido deleitar-se sempre no pecado” (Mórmon 2:13).

Alma, o filho, certamente compreendia que a tristeza fácil e indolor não era base suficiente para o arrependimento. Sua experiência, relatada em detalhes no Livro de Mórmon, é a melhor ilustração tirada das escrituras, mostrando que o processo do arrependimento é pleno de sofrimento pessoal pelo pecado.

Alma diz que após ter seu curso iníquo interrompido, ele se encontrava “no mais escuro abismo” (Mosiah 27:29), “torturado com um tormento eterno, estando minha alma extremamente perturbada e

atormentada por meus pecados.

Sim, lembrei-me de todos os meus pecados e iniquidades, pelos quais me via atormentado com as penas do inferno” (Alma 36:12–13).

Ele nos diz como “a simples lembrança de ter que comparecer à presença de . . . Deus atormentava [sua] alma com inexprimível horror” (versículo 14). Ele conta que foi “atormentado e perturbado pela lembrança de tantos pecados” (versículo 17). Depois de três dias e três noites do que ele chamou de “a maior aflição e angústia de alma”, clamou ao Senhor Jesus Cristo por misericórdia e recebeu o “perdão para os [seus] pecados” (Alma 38:8).

Todas as nossas experiências pessoais confirmam que devemos suportar sofrimento pessoal no processo do arrependimento. No caso de transgressões sérias, esse sofrimento pode ser longo e difícil.

O transgressor arrependido que foi excomungado descreve seus sentimentos pessoais—ele fala de “horas chorosas”, “desejando ser coberto por um milhão de montanhas”, “esmagado pela vergonha”, “densa escuridão” e “uma angústia . . . do tamanho da eternidade”.

POR QUE O SOFRIMENTO É NECESSÁRIO

Por que é necessário que sofram ao nos arrependermos de transgressões sérias? Tendemos a pensar nos resultados do arrependimento como simplesmente uma purificação do pecado, mas essa é uma visão incompleta do assunto. A pessoa que peca é como a árvore que se curva

"Pois eis que eu, Deus, sofri . . . por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer; Mas se não se arrependessem, deveriam sofrer assim com eu sofri" (D&C 19:16-17).

facilmente com o vento. Num dia chuvoso de vento, a árvore curva-se tanto que suja as folhas de lama, como acontece com o pecado. Se focalizarmos apenas a limpeza das folhas, a fraqueza da árvore que permitiu que ela se curvasse e sujasse as folhas permanecerá. De modo semelhante, a pessoa que está apenas triste por se ter sujado com o pecado irá pecar novamente na próxima vez que o vento soprar forte. A suscetibilidade à repetição do pecado permanecerá até que a árvore tenha sido fortalecida.

Quando uma pessoa passa pelo processo que resulta no que as escrituras chamam de coração quebrantado e espírito contrito, o Salvador faz mais do que limpá-la do pecado. Ele também lhe concede novas forças. Essa força é essencial para que compreendamos o propósito da purificação, que é o de retornarmos ao Pai Celestial. Para sermos admitidos à sua presença, devemos estar mais do que limpos. Devemos também ter-nos transformado de uma pessoa moralmente fraca, que pecou, em uma pessoa forte com a estatura espiritual que lhe permita habitar na presença de Deus. Devemos, como dizem as escrituras, "[tornarmo-nos santos] pela expiação de Cristo, o Senhor" (Mosiah 3:19). É isso que as escrituras querem dizer ao explicar que a pessoa que se arrepende dos pecados "os abandonará" (D&C 58:43). Abandonar os pecados é mais do que resolver não mais cometê-los. Abandonar envolve uma mudança fundamental no indivíduo.

UMA PODEROSA MUDANÇA DE CORAÇÃO

Tanto o rei Benjamim quanto Alma nos falam de uma poderosa mudança de coração. A congregação do rei Benjamim descreveu essa poderosa mudança dizendo que não tinham "mais vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente" (Mosiah 5:2). Alma ilustra



CRISTO NO GETSÊMANI, POR WILLIAM HENRY MARGETSON

essa mudança de coração ao descrever um povo que "despertou para Deus", "puseram sua confiança" nele e "foram fiéis até o fim" (Alma 5:7, 13). Ele desafiou outras pessoas a "[olharem] para a frente, com a vista da fé" até quando "apresentar-[nos] diante de Deus" para sermos julgados de acordo com nossas obras (versículo 15). As pessoas que tiverem esse tipo de mudança em seu coração obterão a força e a estatura para habitar na presença de Deus. É o que chamamos de salvação.

DAR OUVIDOS AOS AVISOS

Alguns santos dos últimos dias que erroneamente pensam que o arrependimento é fácil acham que uma pessoa se torna melhor depois de pecar e arrepender-se. "Tenha uma pequena experiência com o pecado", argumentam alguns, "assim poderá aconselhar melhor e ter mais empatia pelas outras pessoas. Sempre poderá arrepender-se".

Eu vos peço, meus irmãos, meus jovens amigos e meus amigos de mais idade, evitai a transgressão! A idéia de que alguém pode deliberadamente pecar e facilmente se arrepender, ou de que alguém se torna melhor depois de pecar e arrepender-se são mentiras diabólicas do adversário. Alguma pessoa em sã consciência iria argumentar que é melhor aprender por experiência própria que um certo tipo de pancada pode quebrar o osso ou que uma determinada mistura de ingredientes químicos pode explodir e queimar a pele? Seremos melhores por termos sofrido essas lesões e exibirmos as cicatrizes? É obviamente melhor darmos ouvidos aos avisos das pessoas sábias que conhecem os efeitos de certas agressões ao corpo.

Assim como podemos beneficiar-nos da experiência de outras pessoas no tocante a esses assuntos, também podemos beneficiar-nos dos avisos contidos nos mandamentos de Deus. Não precisamos passar por experiências pessoais com relação aos efeitos de transgressões sérias que sabemos ser lesivas a nossa alma, podendo destruir nosso bem-estar eterno.

Há alguns anos, um de meus

filhos perguntou-me se não seria uma boa idéia experimentar um pouco de álcool ou de fumo para saber qual é a sensação que eles causam. Ele conhecia a Palavra de Sabedoria e também sabia dos efeitos que essas substâncias podem ter sobre a saúde, mas estava perguntando por que não podia simplesmente experimentar por si mesmo. Respondi que se queria experimentar alguma coisa, devia ir até o estábulo e comer um pouco de esterco. Ele se encolheu de nojo. “Uh, que coisa nojenta”, disse ele.

“Fico contente que pense assim”, disse eu, “mas por que você não experimenta só um pouco para saber por si mesmo? Já que está propondo experimentar algo que sabe não ser bom, por que não aplica o mesmo princípio a outras coisas?” Essa ilustração da estupidez de se “experimentar algo por si mesmo” mostrou-se bastante persuasiva para aquele rapaz de dezesseis anos.

NÃO SOBRECARRREGUEIS VOSSO FUTURO

Quando jovens, às vezes nos comportamos como se não houvesse amanhã. Na juventude, é fácil esquecer que iremos crescer, casar-nos, criar uma família e—prestei atenção a este ponto importante—continuar a conviver com algumas das pessoas que testemunharam ou nos acompanharam nas transgressões e travessuras da adolescência.

Rapazes, a moça com quem saís hoje poderá ser vossa esposa daqui a alguns anos, mas provavelmente não o será. Ela poderá tornar-se esposa de

seu bispo ou presidente de estaca. Moças, o rapaz com quem saís hoje poderá tornar-se vosso marido, mas é mais provável que isso não venha a acontecer. Ele poderá tornar-se até mesmo o conselheiro do bispado ou o supervisor de vosso emprego. Comportai-vos hoje de modo que vosso futuro não fique sobrecarregado de lembranças ruins ou embaraçosas.

“O QUE SE TEM ARREPENDIDO”

A maior parte do que foi discutido dirige-se às pessoas que pensam que o arrependimento é fácil. No extremo oposto encontram-se aquelas que acham que o arrependimento é difícil demais. Tais almas são tão sensíveis e conscienciosas que encontram pecados em todos os aspectos da própria vida, perdendo as esperanças de tornarem-se limpas um dia. Um chamado ao arrependimento alto e claro o suficiente para incentivar a mudança de comportamento em pessoas despreocupadas pode causar um desânimo paralisador naquelas que são conscienciosas. É um problema que encontramos frequentemente. Atingimos um público diferente a cada vez que falamos e sempre acontece que uma doutrina que não chega a impressionar alguns pode ser demasiado forte para outros.

Concluirei com uma mensagem de esperança que é verdadeira para todos, mas especialmente necessária aos que acham que o arrependimento é difícil demais.

O arrependimento é um processo contínuo, necessário a todos porque “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23).

O arrependimento é possível e o perdão subsequente é certo.

O Élder Spencer W. Kimball disse: “Às vezes a consciência culpada subjuga a pessoa com tanta opressão, que ao arrepender-se e olhar para trás e ver a hediondez e a repugnância da transgressão, sente-se quase esmagada e pergunta a si mesma:—O Senhor poderá um dia me perdoar? Poderei eu algum dia perdoar a mim mesmo? Mas quando se atinge as profundidades do desespero e se sente a fragilidade da condição humana, e quando se roga a Deus implorando misericórdia, tendo fé, surge aquela voz calma, suave mas penetrante, sussurrando à alma—Os teus pecados estão perdoados” (*O Milagre do Perdão*, Salt Lake City: Bookcraft, 1969, p. 326).

Quando isso acontece, quão preciosa se torna a promessa de que Deus irá “[aliviar] nossos corações da culpa, por intermédio dos merecimentos de seu filho” (Alma 24:10).

Quão consoladora é a promessa de que “ainda que vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Isaías 1:18).

Quão gloriosa é a promessa do próprio Deus de que “o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro” (D&C 58:42; ver também Jeremias 31:34; Hebreus 8:12).

Estas coisas são verdadeiras. Eu testifico que Jesus Cristo tornou tudo isso possível e que nos deu as condições do arrependimento e o caminho da perfeição por meio de seu sacrifício expiatório. □

A LETRA DA CANÇÃO

Paige Marriott

Estava sofrendo de um caso grave da síndrome “sinto-me inútil”. Tinha pouca auto-estima e recusava-me a importar-me comigo ou a cuidar de mim.

Meus pais tentavam encorajar-me, mas qualquer sugestão podia causar uma briga. Conversar comigo era como andar sobre ovos. “Apenas me deixem em paz!”, exclamava, mais alto e mais zangada do que pretendia. Sabia que meus pais passavam muitas noites acordados, preocupados com sua filha.

Certo domingo à noite, minha mãe insistiu para que eu fosse a um serão da estaca com ela e meu pai. “Não quero ir àquele serão estúpido!” disse eu. Procurava sempre um motivo para discussão, algum jeito de culpar os outros por minha infelicidade.

“Não seja tola, Paige. Lógico que irá”, respondeu minha mãe.

Quando entramos na capela, notei que alguns de meus amigos já estavam sentados—não com a congregação, mas junto ao púlpito. Tentando passar despercebida, sentei-me.

Uma das líderes dos jovens bateu de leve em meu



ombro: “Paige, por que não vem cantar conosco?”

“Sinto muito, irmã Daines, mas não compareci a nenhum ensaio. Nem mesmo sei o nome da música.”

“Não se preocupe”, disse ela enquanto fazia com que eu saísse de onde estava sentada. “Vai sair-se bem.”

Antes que me desse conta, o presidente da estaca estava anunciando “um número vocal apresentado pela grande juventude da estaca”. O pânico fez meu coração disparar.

O pianista começou a tocar e os primeiros compassos da canção ecoaram por toda a capela. Lágrimas corriam mansamente por meu rosto quando comecei a cantar. Eu sabia a letra da música. Sempre soubera.

“Sou um filho de Deus”, cantei. Ao cantar olhei para meus pais que sorriam no primeiro banco. Seus olhos diziam: “Nós a amamos”.

Repentinamente percebi que não estava só. Desde aquele momento, sei que *sou*, verdadeiramente, filha de Deus e que ele *me enviou* a pais tão bons para mim.

Eu havia cantado a letra da música muitas vezes. Agora, ela finalmente entrara em meu coração. □



O MEMORIAL DE JOSEPH SMITH

Em janeiro de 1841, quando os santos se estabeleceram na cidade de Nauvoo, o Senhor aconselhou seus servos a “[edificarem] uma casa em meu nome . . . E que o nome dessa casa seja Casa de Nauvoo”. O edifício deveria ser “uma habitação deleitável”, um lugar onde o viajante fatigado “[pudesse contemplar] a glória de Sião” e “[recebesse] também conselho daqueles que coloquei como . . . sentinelas sobre os seus muros” (D&C 124:22, 60–61).

Em resposta à revelação, iniciou-se a construção de uma casa de tijolos e argamassa, abandonada quando a perseguição fez com que os esforços dos santos se concentrassem no término do Templo de Nauvoo. A idéia da Casa de Nauvoo, porém, não foi esquecida.

Hoje, quase cem anos depois, aquela idéia materializou-se em um edifício de um branco cintilante, no coração da Cidade do Lago Salgado. O antigo Hotel Utah, um edifício de setenta e seis anos, foi adaptado

para uso da Igreja como um local de hospitalidade e cultura, onde visitantes e santos podem “[contemplar] a glória de Sião” e “[receber] . . . conselho daqueles que coloquei como . . . sentinelas sobre os seus muros”.

Em sinal de respeito e amor pelo Profeta Joseph Smith, o edifício foi renomeado e dedicado como sendo o Memorial de Joseph Smith.

O nome veio à mente do Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, em um momento de inspiração. Certa noite ele não conseguia dormir e, ao olhar por uma janela que dava

Acima: O branco e cintilante Memorial de Joseph Smith localiza-se do outro lado da rua do Templo de Lago Salgado. À direita: A estátua de mármore branco do Profeta recebe os visitantes no saguão lindamente restaurado.





Acima, da esquerda para a direita: Sala de jantar no décimo andar, dando para o templo; teatro com quinhentos lugares, onde visitantes podem ver o épico *Legacy*; centro de história da família, com mais de 130 computadores, onde visitantes podem obter dados genealógicos. À direita: O edifício também aloja uma capela para as alas do centro da Cidade do Lago Salgado.

para o templo, ocorreu-lhe que nenhum dos edifícios existentes na Cidade do Lago Salgado homenageava Joseph Smith.

O Presidente Hinckley disse: “Veio-me à mente ‘Memorial Joseph Smith’”. Ele submeteu o nome à Primeira Presidência e depois ao Quorum dos Doze. Todos endossaram a idéia. (Ver *Church News*, 3 de julho de 1993, página 3.)

Os visitantes do prédio de dez andares entram no magnífico saguão principal, onde muito do esplendor do edifício original foi mantido. Próxima à entrada de uma sala agora chamada Sala Nauvoo, ergue-se uma estátua de mármore do Profeta Joseph Smith. Com mais de três metros de altura, a estátua parece dominadora, mas o sorriso amável no rosto do Profeta oferece uma recepção calorosa.

O mezanino proporciona aos visitantes uma vista do saguão principal. Os quartos do mezanino foram convertidos em uma capela e em uma sala da Sociedade de Socorro, com salas de aula adicionais, escritórios, biblioteca e uma pequena cozinha. Essas dependências serão utilizadas pelas alas localizadas no centro da Cidade do Lago Salgado.

No subsolo, um grande centro de história da família

possui mais de 130 computadores para atender visitantes interessados em pesquisar sua genealogia. Outros sessenta computadores encontram-se no quarto andar.

Em um teatro confortável, apenas alguns degraus acima do saguão, os visitantes podem assistir a *Legacy* (N. do T. *O Legado*), um novo filme grandioso, que retrata o início da história dos pioneiros SUD.

O décimo andar oferece vistas maravilhosas do Vale do Lago Salgado, de dois restaurantes que ficam no último andar do prédio. O edifício também aloja escritórios gerais da Igreja, um centro de distribuição e um centro de distribuição de garments.

“Este edifício”, declara o Presidente Hinckley, “preservará e avivará a lembrança do Profeta de Deus, instrumento em Suas mãos para trazer à luz esta grande obra que se está espalhando por toda a terra. Disto presto testemunho” (*Church News*, 3 de julho de 1993, página 4).

Em um tributo a Joseph Smith, Thomas S. Monson disse: “Alegro-me ao pensar que milhares . . . terão oportunidade de misturar-se neste edifício . . . Esse número atingirá . . . centenas de milhares e possivelmente milhões de pessoas que reverenciarão o nome do Profeta Joseph” (*Ensign*, setembro de 1993, página 34). □



Entrelaçados



Richard M. Romney

Quando a Inglaterra era, em sua maior parte, um país rural, um dos costumes durante as comemorações do outono era fazer bonequinhas de palha. Os rapazes, entrelaçando palhas de trigo, faziam essas bonecas e davam-nas às namoradas. As bonecas de palha eram, também, símbolo da gratidão a Deus por um ano de trabalho recompensado com abundante colheita.

Os dias começam cedo para Jenny Flinn, de dezesseis anos, que mora na pequena cidade de Broadway, perto de Ilminster, Somerset, na Inglaterra. Há muito que fazer, animais para alimentar e vacas para ordenhar—pelo menos uma hora de trabalho—antes de ir para a escola.

Há, porém, compensações. O ar da manhã é fresco, Jenny respira fundo e sente-se renovada. O sol é cálido, mais castanho que amarelo, enquanto vai dissipando a neblina. Os campos são úmidos e o orvalho parece revestir cada planta de cristal. Os animais, já acordados e ansiosos por atenção, parecem felizes simplesmente por estarem vivos.

Jenny não alardearia isso, mas viver onde ela vive é como estar em constante oração de agradecimento. Sim,



FOTOGRAFIA DE RICHARD M. ROMNEY







É uma vida atarefada, mas, como todos ajudam, há tempo para fazer tudo. E estejam esperando o ônibus da escola com amigos ou passando o tempo com os pais, os Flinns preenchem seus dias com sorrisos.

há trabalho para ser feito, mas trabalho é vida e a vida é boa.

MAIS DE UM

Jenny não é a única pessoa da família Flinn que levanta cedo. Às 6h15, seu irmão Peter, de dezessete anos, já está pedalando pelas ruas para entregar jornais na maioria das casas de Broadway. Peter não se sente particularmente feliz por acordar de madrugada, pelo menos não até que se ponha em movimento, mas a meio caminho da cidade também já adquiriu a alegria da manhã—o sentimento de que há um dia inteiro pela frente, mais uma maravilhosa oportunidade de realização.

A mente de Peter também está no trabalho nesse dia. Enquanto dobra cada um dos *Daily Telegraph* (N. do T. —nome do jornal) e passa-os pela abertura das portas, ele pensa em todos os empregos que já teve, desde vendedor de ovos até colhedor de frutas, para juntar dinheiro para a missão. Pensa em como a missão se aproxima a cada dia. Peter também pode não fazer

alarde a respeito, mas está feliz por ter aprendido a trabalhar. É algo que o ajudará como missionário. E é boa a sensação, quando se começa o dia fazendo alguma coisa.

APRENDENDO A AMAR

Jenny e Peter são os filhos mais velhos de Bruce e Margaret Flinn. Os outros são Lindsey, 14 anos; Neal, 12; Elizabeth ("Lizzy"), 9, e Rachel, 5. Visitar os Flinns em sua pequena fazenda de seis acres é ver não duas, mas oito pessoas que sabem muito a respeito de trabalho. Visitá-los também é ver muito do que pode tornar uma família bem-sucedida.

"Mudamos para cá tanto por causa das crianças quanto de nós próprios", explica o irmão Flinn, que trabalha como professor supervisor do seminário, além de cuidar da fazenda. "Eu viajo bastante por causa do meu trabalho. Seria provavelmente mais fácil viver na cidade."

"Se mudássemos", diz irmã Flinn, "a qualidade de nossa vida cairia. Não poderíamos continuar com todos



A filosofia Flinn é simples: seja entregando jornais ou nos afazeres rurais, trabalhar é bom.
Página oposta, da esquerda: Neal, de 12 anos; Lindsey, de 14; Bruce (o pai); Margaret (a mãe);
Lizzy, de 9 anos; Peter, de 17; Rachel, de 5 e Jenny, de 16.

os animais. Não aprenderíamos todas as práticas necessárias para sermos auto-suficientes. Talvez não aprendêssemos tanto sobre o amor ao trabalho.”

Amor ao trabalho?

“Acreditamos no princípio do trabalho”, explica irmão Flinn. “Acreditamos ser um princípio espiritual. Não se trata apenas de obter o produto final, mas da própria realização do trabalho. É uma coisa boa.”

E as crianças concordam?

“Quando nos queixamos por ter que fazer coisas”, diz Lindsey, “nossa mãe diz: ‘Tudo bem. Vamos mudar para a cidade, então?’ Nenhum de nós jamais disse sim.”

“Há prós e contras em tudo”, afirma Peter, “mas eu diria que estou bem aqui.”

TRABALHANDO JUNTOS

Bem, toda esta conversa a respeito da vontade de trabalhar pode suscitar a idéia de que os Flinns são perfeitos. A verdade é que eles são uma família normal, com implicâncias e brigas como qualquer outra, mas eles

aprenderam a trabalhar também para melhorar como família.

“O que ganhamos por estarmos juntos . . . ?”, pergunta Jenny. “Paciência, principalmente.”

Será que ela às vezes pensa em viver com sua família para sempre?

“Quando não estão me aborrecendo”, brinca.

Sua capacidade de rir é típica da família toda. Eles gostam de brincar uns com os outros, mas também sabem que devem fazê-lo com amor, para não magoar ninguém.

“Cada um tem sua personalidade”, diz Lindsey. “Já nos acostumamos com isso. Além disso, se dizemos alguma coisa negativa, nosso pai nos faz dizer duas positivas.”

ENFRENTANDO DESAFIOS

Outros desafios? “Um dos maiores é arranjar tempo”, diz Jenny. “Preciso cuidar dos animais duas vezes por dia, uma hora de manhã e uma no fim da tarde, e no intervalo vou à escola. E tenho a lição de casa, duas horas por noite, e preciso achar tempo para o seminário do lar, também.”



Atividade na Igreja torna-se difícil por causa do isolamento. “Estamos a oitenta quilômetros da sede da estaca”, explica Peter. “Temos que viajar muito e não são todos que têm carro. Somos apenas dois em meu quorum e o outro vive a sessenta e quatro quilômetros de distância. Nós nos esforçamos para ver se ele quer aparecer, mas há vários problemas, como os pais não quererem trazê-lo porque a capela fica fora de mão. A distância é o maior obstáculo.”

E na escola, ser santo dos últimos dias não afasta as tentações. Neal, de doze anos, diz que uma pesquisa mostrou que apenas duas pessoas de sua classe nunca haviam ingerido álcool.

COMO SOBREVIVER

Como contrabalançar isso?

“Temos boas aulas na igreja”, diz Jenny. “Temos boas aulas no seminário e boas noites familiares em casa.” E, logicamente, escrituras, orações e o apoio da família.

“Se tenho um problema realmente grande, sei que

posso obter ajuda de minha família”, diz Lindsey. “Eu diria que são meus melhores amigos. Se não os tivesse, para onde iria?”

Essa é uma atitude demonstrada por Jenny quando, mesmo estando em fase de exames finais e precisando estudar, foi buscar Rachel na escola. “Nossos pais não haviam chegado”, explicou Jenny, “e eu sabia que Rachel ficaria apavorada se ninguém aparecesse”.

Isso é parte da vida em família, parte do que os Flinns aprendem diariamente.

Quando se entra na sala-de-estar da casa dos Flinns, nota-se uma parede decorada com bonecas de palha, daquelas realmente feitas com trigo. “Tem-se que entrelaçar os talos enquanto estão ainda flexíveis”, explica irmã Flinn. “Quando envelhecem ficam quebradiços e não dobram”.

“Isso é o que estamos fazendo em nossa família”, diz ela. “Vivemos o evangelho. Aprendemos a respeito do amor familiar. E as crianças entrelaçam essas duas coisas em sua vida.” □

VER COM AS MÃOS E COM O CORAÇÃO

Cuong Ted Nguyen

O que Fritz Bollbach não vê com os olhos, vê com as mãos. O irmão Bollbach, que tem oitenta e três anos, perdeu a visão há vinte e sete anos, mas a cegueira não o impediu de exercer sua vocação de carpinteiro e desenvolver a habilidade de esculpir madeira.

Em 1957, perdeu a visão do olho direito durante uma cirurgia de catarata. "Não fiquei triste pela perda da visão porque podia continuar trabalhando", disse ele.

Então, em 1966, escorregou durante o serviço e bateu a cabeça. Em questão de segundos, o irmão Bollbach perdeu a visão do olho esquerdo. "Meu mundo desmoronou", disse ele. "A escuridão era horrível".

SAINDO DA ESCURIDÃO

Por algum tempo, o irmão Bollbach também perdeu a visão das coisas espirituais. Desde o seu batismo, em 1921, na Alemanha, sua terra natal, ele sempre centralizara sua vida no evangelho, mas depois do acidente, "já não conseguia, nem queria orar", lembra ele com pesar. "Até mesmo quando minha esposa, Elli, me pedia que orasse com ela, eu me recusava e perguntava com amargura: 'Vou agradecer a Deus por ter ficado cego?'"

Ele continuou em escuridão espiritual até uma certa manhã, por volta de duas semanas após o acidente. Todas as manhãs antes de





sair para trabalhar, Elli orava sozinha, enquanto o irmão Bollbach ficava na cama. Naquela manhã, depois de orar, a irmã Bollbach inclinou-se e beijou Fritz, deixando cair lágrimas em seu rosto. Ele foi tocado pela sua ternura. “Quando ouvi que ela saía com o carro, ajoelhei-me ao lado da cama”, diz ele, “mas não conseguia orar”.

O irmão Bollbach ficou de joelhos por muitas horas. Ele tentou repetidas vezes proferir uma oração, mas, a cada vez, algo dentro dele lutava contra o desejo de orar. Depois de muito esforço, finalmente começou a orar a Deus novamente. “Um sentimento de gratidão encheu-me a alma”, lembra ele. “Lembrei-me de quantas bênçãos eu tinha e quantas vezes o Pai Celestial havia protegido minha vida. Senti-me em paz”.

Desde aí, o irmão Bollbach usou a fé, a oração, a obediência e a diligência para vencer os desafios. “Não podia ver com os olhos, mas Deus ajudou-me a ver com as mãos e o coração”, diz ele.

AS MÃOS DE UM ARTISTA

Antes de perder a visão, o irmão Bollbach utilizava suas habilidades como carpinteiro para construir casas para os santos dos últimos dias alemães que ficaram sem casa durante a Segunda Guerra Mundial. Ele também ajudava a construir capelas da Igreja. Em 1956, a família Bollbach mudou-se para Utah e sete anos mais tarde tornaram-se cidadãos americanos.

Em 1966, enfrentando o desafio

da perda da visão, o irmão Bollbach decidiu ampliar suas habilidades de carpintaria, aprendendo a esculpir em madeira. Ele queria também ajudar outras pessoas que estivessem enfrentando desafios semelhantes aos seus. “Fiz uma meta de ajudar os desamparados e desanimados”, diz ele. “Querida mostrar às pessoas inválidas que elas ainda podiam trabalhar e ser bem sucedidas”. Algumas semanas mais tarde, matriculou-se numa escola para cegos na Cidade do Lago Salgado, em Utah.

Gordon Clegg, diretor da escola, diz que ensinou centenas de cegos a esculpir em madeira. Segundo ele, Fritz Bollbach tinha um talento especial. “Tudo que fiz foi edificar sua autoconfiança”, diz o irmão Clegg. “Ele tinha um pouco de medo de lidar com as máquinas, a princípio, como qualquer pessoa teria se fosse cega”.

Apesar dos riscos, o irmão Bollbach confiava nos dedos para sentir o formato e a textura da madeira enquanto entalhava. Mesmo depois de haver quebrado uma peça de madeira após outra, recusava-se a desistir. “Depois de semanas quebrando pedaços de madeira, finalmente terminei uma pequena peça de xadrez”, relembra o irmão Bollbach. “Um mês depois, esculpindo sem enxergar, construí um tabuleiro e uma mesa de xadrez”. No dia de sua formatura, ele apresentou o conjunto de xadrez à escola. O irmão Clegg inscreveu o conjunto num concurso de uma feira estadual, e obteve o primeiro lugar.

As novas habilidades do irmão Bollbach deram-lhe confiança para prosseguir em sua meta: ajudar outras pessoas iguais a ele a serem bem sucedidas. Com ajuda do governo o irmão Bollbach abriu uma oficina para ensinar deficientes visuais a esculpir em madeira. Ele teve muitas experiências maravilhosas na oficina. Uma em particular ficou gravada em sua memória. Faltavam duas semanas para o Natal e ele estava sozinho na oficina. O irmão Bollbach estava entalhando um presente especial para a esposa: um alce em miniatura. Ele terminou o corpo e as finas pernas do alce com facilidade, mas esculpir os olhos parecia algo impossível.

“Resolvi levantar-me”, diz ele. “Enquanto andava pela oficina, comecei a cantar meu hino predileto, ‘Careço de Jesus’. Orei a Deus em voz alta, pedindo ajuda, e cantei novamente”. Ainda assim não conseguia esculpir os olhos. “O que devia fazer? Desistir?” perguntava-se a si mesmo. “Não, Fritz, não desista. Tente novamente”, disse ele a si mesmo. Contudo, ainda não conseguia segurar a faca com firmeza suficiente para entalhar os olhos. Ergueu-se novamente e andou pela oficina por mais uma hora.

“Cantei, chorei e orei por algum tempo”, lembra ele. “Pensei nas muitas bênçãos que o Senhor me havia dado. Apanhei a faca novamente e com as mãos trêmulas entalhei os olhos e em questão de minutos terminei o restante da cabeça.”

O irmão Bollbach diz que não tem mais dificuldades para esculpir. Ele mostra com orgulho as muitas peças que criou com as mãos calejadas, mas gentis: diversos animais, jogos de xadrez, armários e mesas. “Muitas vezes trabalhei em minha oficina bem cedo pela manhã e até tarde da noite”, diz ele. Somente um ano depois de haver conseguido esculpir o alce, uma galeria de arte na Cidade do Lago Salgado realizou uma exposição de suas obras esmeradamente trabalhadas.

A família Bollbach enviou um convite especial ao Presidente da Igreja, Harold B. Lee, para que visitasse a galeria. Em

vez disso, o Presidente Lee convidou-os ao seu escritório. O irmão Bollbach lembra-se da visita com carinho. Ele havia feito uma escultura em madeira de um cavalo selvagem saltando sobre um tronco, para dar ao Presidente Lee.



“Estivemos em seu escritório”, lembra o irmão Bollbach, “e depois de uma breve conversa, trocamos apertos de mão. Quando eu estava de saída, ele me disse: ‘Dou-te minha bênção. Que a paz esteja contigo’. Nunca deixei de sentir a paz que o Presidente Lee me prometeu. Até hoje a tenho no coração.”

Essa paz, obtida durante anos de trabalho árduo e persistente, é visível nos olhos verde-escuros do irmão Bollbach. Apesar do rosto enrugado e do grande corpo já enfraquecido pelos anos de trabalho, seu espírito continua forte. Seu testemunho está firmemente alicerçado no sacrifício e serviço à Igreja.

MISSÕES NA ALEMANHA

Muito do serviço prestado pelo irmão Bollbach foi realizado em sua terra natal como missionário. Em 1969, seis semanas depois de Fritz ter aberto a oficina, o bispo de Fritz e Elli chamou-os a seu escritório e fez-lhes uma pergunta. O bispo teve que repetir a pergunta três vezes: “Fritz, o Senhor deseja que sirvam juntos no campo missionário. Quais são seus sentimentos a esse respeito?”

“Fiquei chocado”, lembra-se o irmão Bollbach. “Não consegui dizer nada.”

Sem conseguir responder à pergunta do bispo, ele voltou-se para Elli: “Bem, mama, o que acha?”

Ela olhou para Fritz e disse: “A decisão é sua. Serei os seus olhos”.



Ele voltou-se para o bispo e respondeu: "Bispo, iremos aonde o Senhor nos mandar".

Em pouco tempo, o casal Bollbach estava servindo na Missão Alemanha Central. Sua principal responsabilidade era ajudar a trazer pessoas de volta para a Igreja. "Muitos não queriam orar porque diziam não ter nada pelo que serem gratos ou simplesmente não necessitavam de coisa alguma", conta a irmã Bollbach. "Entretanto, Fritz inspirou-os e ajudou-os a serem gratos pela vida e pelas bênçãos de Deus".

Uma de suas primeiras designações foi servir como presidente do ramo em Gelsenkirchen. A princípio, o irmão Bollbach hesitou, quando o presidente da missão o chamou para aquele cargo. "Mas sabe que sou cego", disse-lhe o irmão Bollbach.

"Sim, é claro que sei", respondeu o presidente da missão. "Deus também sabe disso."

O irmão Bollbach trabalhou ali até sofrer um leve ataque cardíaco um ano mais tarde. "Perguntei-me se deveria ir para casa depois disso", lembra ele. "O médico examinou-me e disse que eu estava em condições de ficar. Por isso ficamos".

Depois de voltarem do campo missionário, em 1971, Elli voltou a trabalhar no Templo de Lago Salgado e Fritz reabriu a oficina e expôs suas peças de madeira. As pessoas que se apinhavam para ver as esculturas do irmão Bollbach achavam impossível que um homem cego tivesse feito um trabalho tão esplêndido. "Inacreditável, mas não impossível", dizia ele. "Devem ter fé

no Senhor e confiança em si mesmos. Todas as pessoas, independentemente de credo ou raça, são filhos de Deus e vieram à terra com talentos. Depende de cada um descobrir e desenvolver esses talentos por meio de diligente esforço pessoal."

Em 1975, o casal Bollbach foi surpreendido por um novo chamado missionário, desta vez para a Missão Alemanha Frankfurt. Nessa mesma época, Elli descobriu que tinha câncer. "Ninguém pode imaginar o medo que senti", conta Fritz. "No intervalo de uma semana, ela se submeteu a três operações. Foi curiosa a bênção que o bispo lhe deu. Ele disse: 'Elli, tu te recuperarás e irás novamente ao campo missionário com Fritz, para servir a Deus'. Ficamos nos perguntando como ele podia dizer tal coisa".

A irmã Bollbach recuperou-se das operações e cumpriu uma missão de dezoito meses em Firmasens, Alemanha, perto da fronteira com a França.

Menos de um ano após voltarem para casa, o casal Bollbach fechou a casa e a oficina mais uma vez para servirem pela terceira vez na Missão Alemanha Munique, onde o irmão Bollbach foi chamado para ser o presidente do Ramo de Nurembergue. Apesar de o ramo ter mais de 450 pessoas registradas, somente cerca de 20 membros freqüentavam assiduamente as reuniões.

O casal Bollbach sabia que teria desafios, mas sabia também como superá-los. Com fé, oração, obediência e diligência, concentraram-se

nas visitas aos membros menos ativos. "Um milagre aconteceu", exclama o irmão Bollbach. "O ramo cresceu. Alguns meses mais tarde, ele foi dividido em três ramos: Feucht, Fürth e Nurembergue. Sei que isso aconteceu pela bênção e ajuda de Deus. Fomos apenas instrumento em suas mãos".

A SERVIÇO DE DEUS E PROCURANDO APRENDER

Depois de voltarem para casa, os dois serviram como professores da Escola Dominical por aproximadamente dez anos. Como Fritz não podia ler as aulas, Elli gravava a aula do manual e as passagens das escrituras em uma fita. Fritz então escutava a fita diversas vezes e estudava com Elli até oito horas por dia. "Eu procurava as perguntas e colocava-as na fita", diz ele. "Depois eu as decorava para que pudéssemos dar a aula juntos". Eles finalmente foram desobrigados quando o irmão Bollbach ficou muito doente para continuar a cumprir a designação semanal.

O casal Bollbach diz que todos os seus chamados na Igreja os deixaram felizes. "Utilizamos nosso tempo somente para a Igreja, para o serviço de Deus e procurando aprender", diz o irmão Bollbach, "e somos felizes. Não foi por nós mesmos, mas pelo poder da oração e pela ajuda de Deus que conseguimos realizar todo o trabalho. Sem Deus e sem Elli, eu não teria conseguido. Sem a ajuda dele, não poderia ver espiritualmente com meu coração". □



Ascensão ao Céu, de Harry Anderson

“E estando [os Apóstolos] com os olhos fitos no céu, enquanto [Jesus] subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhe disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir” (Atos 1:10-11).



“Tem-se que entrelaçar os talos enquanto ainda são flexíveis. Quando envelhecem ficam quebradiços e não dobram.” O princípio funciona para se fazer bonecas de palha—e para educar solidamente as crianças no evangelho.

Ver “Entrelaçados”,
página 38.

